

ANO I—N.º 31—PREÇO: 1 ESC.  
LISBOA, 18 DE DEZEMBRO DE 1941

À HOMENAGEM DE TERNURA E DE  
VENERAÇÃO À PRESTAR PELAS  
CRIANÇAS PORTUGUESAS e suas  
mães, que lhes dão, em sacrifícios e  
amor, o alimento e o carinho—foi o  
objectivo da «Semana da Mãe» que,  
recentemente, se efectuou em todo o  
País. (Foto do prof Campos Coelho).



**VIDA**  
**MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

# VOZ DA CIDADANIA

## SINFONIA DE ABERTURA

O «Diário de Notícias», órgão oportuno e psicológico, ao dar-nos recentemente a temperatura do dia, afirmava: — Máxima, 4.º; mínima, 6.º. — Que espantosa graalha! — gritaram logo, estregando as mãos, certas pessoas inferiormente esclarecidas. — Parece impossível!...

Não, meus caros senhores. Não se trata, ao contrário do que muitos julgam, duma graalha descuidada. E assim mesmo. Aquilo que ali está é exacto. Corresponde a uma observação minuciosa e consciã. Na verdade, nesta inquietante subversão de valores e de proporções que caracteriza a hora actual, o triunfo pertence ao paradoxo. Como dizia o meu amigo Almada Negreiros, a única coisa certa é o inverso daquilo que não está. Eis porque a temperatura máxima é a mínima e a mínima é a máxima. Tudo obedece ao mesmo desígnio apavorante — até a meteorologia. O «Diário de Notícias» deu-nos a versão exacta naquelle dia memorável. Não houve, por consequência, qualquer graalha. Graalhas há-as nos outros dias, em que os ignorantes supõem que tudo está certo...

## UM HOMEM ILUSTRE

ALICE Quando a.aba de publicar um volume de suggestivo interesse: nada mais, nada menos do que um romance. Intitula-se Eu sou um homem ilustre. A capa do livro apresenta um homem de casaca — e sem cabeça.

— Mas porque será que este homem não tem cabeça? — perguntava, uma tarde deserta, certa senhora ao marido, defronte da livraria Guimarães.

Resposta do marido: — É porque a perdeu pela autora, com certeza...

## BALALAIKA

O redactor do estrangeiro do jornal Provincia de Angola trocou num communicado a expressão Balalaika por Balalaica, numa mensagem aos bombardeiros enviada por Churchill.

Eis a prosa tal como saiu naquelle jornal: «A vossa coragem e abnegação nos atinge a Roterdrão e outros objectivos e isto acima de todo o elogio. Lembrem a carga da brigada ligera. Balalaika! Balalaika!»

Qualquer commentario nos parece inutil.

## PRÉMIOS

DIZEM que o premio Ricardo Malheiros, dado pela Academia das Ciências ao escritor Augusto da Costa não foi, desta vez, um premio de literatura: foi um premio de virtude. Na verdade, um premio dado a umas Inocentes não podia ser senão um premio de virtude.

## VENDAVAL

NO dia seguinte à estreia do Venda-val certo dramaturgo encontrou um critico e desfecho-lhe:

— Aquilo no Nacional o que foi? — Foi uma peça. Porquê? — Peguei há boçado no «Diário de Lisboa» e vi que quem lá fi fazer a critica foi El Terrible Perez... Isto quer dizer...

Logo o critico: — Esteve lá, de facto, o Peres — mas não foi o Terrible... Basta ver a critica!

## O GRANDE INDUSTRIAL



Como sabem, Jorge Ohnet escreveu, entre muitos outros romances, um que teve, e ainda hoje tem, leituras covictas. Chamou-se a «Grande Industrial». Permiso-me pingar, neste momento, o conhecido romancista laica adoptando o titulo do seu livro para sintacticamente denominar Alfredo da Silva. De facto, este homem, qualquer que sejam os defeitos que lhe apontem, é bem, dentro dos limites da nossa industria estiva, o grande industrial. A sua actividade é fulgurante. Não pára um segundo nem de espirito, nem de corpo. Enquanto inúmeras pessoas estão à margem, elle consegue o prodigio de estar no mesmo tempo em duas margens. Permanentemente com um pé no Barreiro e outro na Rocha do Conde de Óbidos, realista, sobre o Tejo, uma espécie de ponte humana que elle próprio atravessa sem cessar. A semelhança da Camões que, no dizer de Garrett, tinha numa mão a espada e na outra a pena. Alfredo da Silva segura na mão direita o «Tabaqueira» e a esquerda a espedra sobre o «Eden-Theatro». Gordocho, arredondado, burguês, os óculos na ponta do nariz como um tabuleiro, a bolsa repleta de valores como uma autentica bolsa, homem destemido e descastrado, não hesitando em afirmar o que tantos outros escodem, é, incalçavelmente, uma figura assinalável. Furado, singrado, espevitado, alvitrado, ganhando, elevou o gerúndio a uma verdadeira potencia industrial. Profundamente progressivo — usa um frasco meridional; antropologicamente abso-lutista — vive no alto de Santa Catarina. Da melão — tem o bico amarelo; do popagão — tem um estalote. Produz tudo: álcoas, fustatos, czeites, tabacões, tapetes do Cairo e cebo de grilo. Não é um homem: é uma associação: não é individuo: é uma Assembleia Geral. A sua maior descoberta é, porém, a expressão que criou para sintetizar a sua actividade: C.U.F.! é exactamente isso: Cuf, Cuf, Cuf...

## CHABY

O grande actor Chaby Pinheiro entrou, certa occasião, numa mercearia e comprou um quilo de queijo. Ao reparar no caixeiro (que era magro como um palito de dentes) não se conteve que não dissesse: — Muito magro é voce! Logo o rapaz: — Pareçe-lhe? Olhe que peso mais quilos que V. Ex.º.

## ESPAHIA

DOIS portugueses iam, uma vez, no Sud alvino de Paris. De repente, ouviu-se no corredor da carruagem uma voz alvoroçada: — Já estamos em Espanha! Estão um dos dois portugueses aproximou-se da janela, obou a paisagem que se desenrolava ao longo da linha, e exclamou para o outro: — Afinal ainda não estamos em Espanha. Isto é zinzento e no mapa a Espanha vem cõr de rosa...

## AGUA-FORTE

DEVE sair por estes dias o novo livro de memórias de Carlos Leal. Chama-se Agua-forte. Os nos enganamos muito ou teremos uma revolução — em trézetas páginas.

## O ECO

UM francês, um português e um espanhol fallam dos efeitos do eco nas suas terras. E contam maravilhas.

— Em Nancy — diz o francês — a gente ouve um «ai» na praça principal e o eco repete três vezes «ai! ai! ai!»

— Pois em Sintra — diz o português — há um sitio onde a gente diz «ai!» e o eco repete-se sete vezes. Dai, chamar-se a esse local «Os Seteais».

— Em Sevilha — rematou o espanhol, com orgulho, — há coisa ainda mais famosa que tudo isto. Quando eu passava em frente a Giraldá, gritava «ai!» e o eco dizia logo: «Ó! Paço, váya usted con Dios».

## DIA DE PEIXE

CASTELO de Morais conheceu um cozinhinho que fazia maravilhosamente arroz com bacalhau. Um dia a dona da casa onde este cozinhinho servia, disse-lhe que fizesse no dia seguinte para o almoço o seu saboreosissimo arroz.

— Mas amanhã é 6.º feira... Como V. Ex.º a 6.º feira não costuma comer carne!

— Então arroz com bacalhau é carne? — inquiriu a senhora, sem comprehender bem o que elle queria dizer.

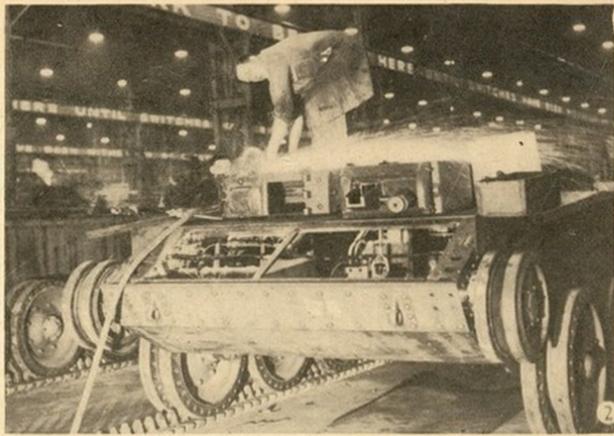
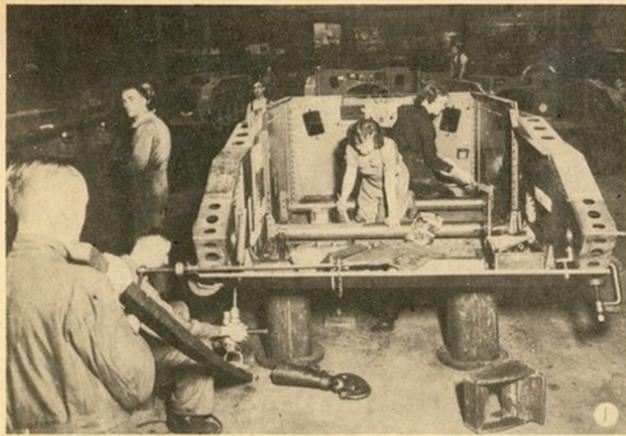
— Lá carne, carne, não é... Mas é que o meu arroz com bacalhau, leva um bon naco de toucinho...

Era o seu segredo.

## NEURASTENICOS

— PORQUE anda tão cismático? — perguntae então a João Correia de Oliveira, vendo-o com certo ar mediativo. Responde-me: — É por causa dos cismos...

Pinheiro Oliveira



QUATRO FASES DA EVOLUÇÃO DUM «TANK». INGLÊS: 1 — A montagem, numa fábrica da Escócia, feita por operários. 2 — A colocação da «lagarta», com o «tank» colocado já na linha de montagem. 3 — Vista geral dum a fábrica em plena laboração. 4 — Um «tank» de 18 toneladas, saído da fábrica, entra em acção.

WORLD WAR II

# panorama internacional



## por Francisco Vallejo

**O** maná do dia 7, as duas Casas do Parlamento inglês reuniram-se para escutar uma comunicação do governo. Churchill e as aclamações rebelaram. Estalara a guerra com o Japão e entrava-se da catástrofe. Guerra de continentes. O globo em chamas. Ao terminar, Churchill proferiu estas palavras:

*«As profeções a que o Mundo de língua inglesa e os nossos heróicos aliados russos vão ser submetidos, serão, com certeza, duras, especialmente de início, e serão provavelmente, longas.»*

*Tiemos no passado uma luz brilhante, temos, actualmente, a luz duma labareda; temos no futuro, uma luz que iluminará toda a Terra e todo o Mors.»*

A eloquência do primeiro homem, do homem símbolo da Inglaterra, proclamava de novo a verdade, apresentava ao Mundo no arco de uma previsão tão vasta como os horizontes duma grande época da História.

### O PRIMEIRO LANCE JAPONÊS

Quando começamos a redigir esta crónica, já tinham apenas três dias sobre o de 7 de Dezembro em que o Japão atacou súbitamente os territórios norte-americanos do Pacífico. A 8.º Congresso reunido em Washington para ouvir a mensagem de Roosevelt, aclamava e votava uma moção, declarando o estado de guerra com o Império Japonês, por 388 votos contra um — de uma pobre senhora malica. O Senado aprovava a pela unanimidade de 82 votos.

Ao mesmo tempo, o Parlamento inglês, depois do discurso de Churchill, ratificou a declaração de guerra, feita já pelo gabinete dentro daquele prazo prefixo de uma hora que o primeiro ministro havia prometido ao presidente norte-americano, escrupuloso cumprimento da palavra britânica.

Durante estes três dias, o mundo assistiu a um espectáculo inaudito. O Japão derramou a esquadra e a aviação em grupos diversos atacando, executando «raids» audaciosíssimos quando os adversários afincavam e apuravam preparativos, surgiram a bombardear as mais importantes bases navais norte-americanas, a assaltar o Sião que lhe abriu as portas, a desembarcar na península de Mopos diversos armamentos em Singapura, a forçar uma das principais ilhas das Filipinas, a canhonear as Aleutinas no território setentrional de Alaska, a atacar Hong-Kong.

Na confusão entrecroçada das notícias, ninguém até hoje sabe

onde param ou paravam as esquadras e a aviação norte-americana e inglesa, e em boa verdade, só foi assinalada a presença da primeira quando o Almirantado britânico anunciou o afundamento ao largo de Malaca de duas das mais preciosas e poderosas unidades da armada Real, o cruzador «Príncipe de Gales» e o cruzador «Repulse», acontecimento que feriu profundamente a pátria de Nelson. O presidente Roosevelt, pouco depois, chegou a prevenir a nação de que é admissível que os japoneses se apossassem de posições e possessões norte-americanas no Pacífico. A desorientação nos espíritos foi geral. Era provado que o Japão colhiera o inimigo de improviso e desprevisto. Os Estados Unidos não puderam afrontar o armamento nipónico, por meio de contra-plotão duro e repetitivo, somente, entre aqueleavoroso estrondo se ouviu firme a ordem do dia do vice-marçalher da Inglaterra, Pougham e do almirante Layton, como se diz no livro «Orien» afirmando: «Estamos prontos e temos confiança. As nossas defesas são fortes e as nossas armas eficazes. Fomos amplamente providos. Mas não o estavam. Esse documento é do dia 8. No dia 10, a Inglaterra perdia aquelles dois magníficos navios de guerra, e nem a esquadra nem a aviação podiam impedir os desembarques japoneses na península de Malaca. As famosas promessas da conferência dos aliados comandados em Manila, não operavam.

Os técnicos militares jeoarião estes successos pelos erros dos seus comentários criticos. Houve, sem dúvida, depois disso, como dissemos, um começo de reacção, e os japoneses já estão pagando algo caro em algumas das suas poderosas unidades navais afundadas, as primeiras audácias. Mas nem por isso os factos perderam um ápice da sua crua realidade. Estes têm uma explicação. A mesma que esclarece a crise tremenda que emperrou a máquina enorme da colisão aliada diante da batalha da Rússia, e a que Churchill, a despeito da sua «ránieris» admirável, se referiu há dias ao confessar que em matéria de produção e preparação de guerra ao Alemanha estava já no quarto ano, a Inglaterra entrava no terceiro e os Estados Unidos vianhão só no segundo.

### UM ERRO DE IMPREVISÃO

Na vida individual, como na vida industrial, é fácil apanhar erros na económica, os erros de imprevisão são «comum os de mais alto e pesado preço.

Orá, quando se examina um mapa do vasto campo do Pacífico no Extremo Oriente, em referência à posição que néste campo o Japão tinha falando na sua consolda dependência dos mercados exteriores de fornecimentos, sobretudo em matérias primas cuja carência ele

não tardará a sentir) verifica-se que ali, nação alguma se encontra em mais deficientes condições de defesa.

Pelo norte, a península de Alaska aponta-lhe, mais a Rússia das extremas siberianas, duas pistolas ao peito, muito mais do que, no dizer de Napoleão, Antúrpia o faz à costa inglesa. Tem o nipo de defrontar-se ainda com o problema, para ele insolúvel, da guerra na China. E até aos Estreitos de Malaca e até ao arquipélago malaio da Holanda, não tinha grandes bases utilitárias para o sul da ilha Formosa. Logicamente, e de accordo e ajudado por Berlim, obtinha de mãos abertas todas as posições da Indochina francesa, numa capitulação mais vergonhosa que a de Dent na Síria. E desde então, dispozia das formidáveis bases de Saigão e Cam-Rah Bay e Japão ficou incorporado o grupo fortificado das Felipinas americanas e da base inglesa cujo centro é Singapura.

Como procedeu Londres, diante dum perigo desta natureza? Que fez Washington, com o inimigo a mirar-lhe para as janelas? As complacências inexplicáveis do Foreign Office ao dia 7 de Dezembro em Londres para com a política (germanófila como não pode deixar de ser) de Darlan e Laval — de que o próprio general Dalmeida chegou a ressentir-se, tratado com os seus antigos como simples facção de partidários exilados — amarraram a Inglaterra de pé e mãos dadas, deixando passar o representante de Roosevelt em Vichy, o almirante Leahy, olhou para o caso como se nada fosse. Não se andou além de comentários verbosos. Não houve sequer esboço de reacções prontas e frutuozas como na Síria, no Iraque e no Irão, que salvaram à Inglaterra os accessos da Índia pela ponta duma unha.

E no entanto, o Japão adquiria ali de graça 89 campos de aviação, 11 estacções rádio e campos de aterragem que durante um ano pôde aperfeccionar. O general Decoux deu-lhe tudo. E Londres nem sequer tentou em frezas as condições e centenas de soldados franceses que preferiram não se acurvar à entrega e saíram de roldão, desarmados, pelas fronteiras, para Malaca e para as Indias Holandesas. Eis o primeiro erro. A perda da Indochina foi desde início parte a Inglaterra uma ferida incurável.

### OUTRO ERRO

Segundo é ro bouvo, porém, que não foi de menor monta. Por detrás da Indochina, o Japão estava avançando a fronteira da China, da Birmânia e de Malão e estendendo o país siamês. Um Estado-tampão. O Japão não podia atirar a estrada de ferro, mas a via — veio dos abastecimentos a Chan Kai-Chek — nem os Estreitos de Malaca, sem passar por lá.

Por meio de tratados e com a mediação de Tóquio e as vontades filicidas de Vichy, conseguiu o japonês por conseguinte o desaparecimento de atritos existentes no Sião e a Indochina, e deste modo, obrigando a França de Vichy a devolver a Bangkok a parte da Indochina occidental que ela lhe arrancara à força, trouxe o Sião para sua órbita. Quando, por meses e meses, o governo siamês rejeitava as ofertas de auxílio que de Londres lhe chegavam, fazia evidentemente o jogo ativo de Tóquio. Esse jogo já resultou numa aliança ofensiva e defensiva. Nesse tubulero, o Japão impedia assim que as bases siamesas, com 10 aeródromos e 8 bases de hidroaviões, fossem utilizadas, preannunciadamente pelos ingleses.

Em Agosto, perguntava-se em Nova Iorque: «Devem os Estados Unidos e a Inglaterra intervir no Sião? O vice-almirante Stirling esclarecia: «Segundo todas as regras de estratégia a Tailândia ficará em nossos braços e a Inglaterra terá o tempo suficiente para se fixar na Indochina». O aviso ficou letra morta. Quando os japoneses surgiram em massa, o Japão havia o tempo suficiente para se fixar na Indochina». O aviso ficou letra morta. Quando os japoneses surgiram em massa, o Japão havia o tempo suficiente para se fixar na Indochina». O aviso ficou letra morta.

Islo e a falta de esquadras e de aviação de guerra e as Felipinas explicam esta primeira fase da imensa batalha e o bom éxito do desembarco nipónico. Mas isto, porventura, não é a resposta? O exercito de Chan-Kai-Chek no Yunan começa apenas a mover-se para reconquistar Cantão e salvar Hong-Kong, e no entanto o seu caminho útil é para uma invasão na fronteira indochinesa. Uma notícia de bombardeamento a Tóquio, a Kobe e à Formosa pelos americanos era guardada sem base. De Alaska, onde há longo tempo, os americanos, sob o comando do major-general MacArthur, um descendente do famoso Bolívar, acumulam forças, nada desceu contra o Japão. As tropas russas, que têm um excelente chefe no marechal Blucher, não se apontaram na Índia. A cartada continúa, pois, a ser japonesa. E quando se lê nos jornais ex-isolacionistas de Hearts, que os Estados Unidos não podem intervir no Sião, não sabemos se é licita tal basofia com um inimigo vencedor e que ainda há de causar largos estragos para a Europa e para quem fez tudo, em termos de política e até à pessoa de Roosevelt, para impedir o armamento da nação japonesa e para obter um retardamento que afinal vai custar mais anos de guerra e muitas centenas de milhar de vítimas inocentes.

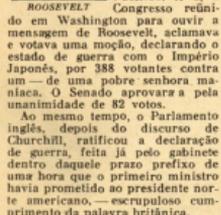
### ENCRUZILHADA FATAL

Se este é o panorama geral da batalha que começa, o da política internacional é diferente, mas dá anças à nação atacante.

É certo que, ao silvo da rija fustigação que a chicotada japonesa



ROOSEVELT



DENTZ



DARLAN

he fêz soar os ouvidos, o mesmo americano que recuava de braços estendidos e mãos espalmadas, quando lhe falavam no perigo que para ele constituía a evolução actual da guerra na Europa abandonou a resistência passiva e activa em que se afezrolhava, e assentiu por unanimidade quasi total em que ha realmente a ameaça de morte no Oriente — e talvez na Europa, Tôdas as guerras têm facilitado sobretudo grandes negócios nos Estados Unidos, incluindo a de Cuba. Esta exige sangue, suor e lagrimas. E o americano gosta do «box» e outros espectáculos brutalísimos de luta, mas não gosta daquilo, Daqui a luta de Roosevelt contra os egoísmos de opinião. Daqui o retardamento affetivo da produção norte-americana que um povo viaz, enérgico, bravo e sem o culto dos formalismos constitucionis não apañou de través.



Roosevelt dizia ha dias que era preciso chegar ao fim com uma vitória que impedisse o Japão de repetir o seu gesto de guerra. Mas a guerra não é só com o Japão. Tôdo mundo andrôna e bem, de accordo com Berlim. Sómente resta saber se por interesse próprio não precipitou a oportunidade em relação ao interesse allemão, quando a batalha da Rússia finda com o inimigo nos calcabares sem vitória alemã e com o recuo e o regresso das forças da offensiva para posições iniciais muito à reliquada — para quartéis de inverno, segundo diz o communicado respectivo de Berlim.

A Alemanha não manifestou logo de inicio a sua solidariedade no ataque nipónico.

Esta ponderada altitude inicial de Berlim comprehendia se e explicava-se. Declarar guerra aos Estados

Unidos não seria reforçar a unidade nacional que parece feita sob a aggressão japonesa, e, mais ainda, fornecer as três Américas o fundamento para pôr em execução o compromisso da Conferência de Havana que estabelece a solidariedade das respectivas nações? Mesmo defensiva, essa solidariedade implicaria a mesma solidariedade que a mesma politica de exportações que ainda se guardam para os países do «Eixo». Getúlio Vargas deixou-o entrever ha dias, por forma sufficientemente clara. Doutra parte, a Alemanha (se acaso não escolhesse o momento para uma nova offensiva de paz) ao declarar guerra aos Estados Unidos fazia saber a todo o mundo que a Bader tem ainda a vogar cerca de 150 a 200 submarinos, segundo as melhores informações. Não é difficil supor que bardeiros allemes possam aparecer sobre Nova Iorque ou Boston e os japoneses sobre cidades da costa do Pacifico. A questão de uma offensiva vai e volta a opinir toda a politica dos Aliados. Os retardamentos norte-americanos consenti-la-ão? A Rússia salvou-lhes a causa durante seis meses. Mas a guerra no Pacifico e as perspectivas do agravamento da situação no Atlantico — po' já se reconhece a eventual diminuição do serviço de guarda aos submarinos de transportes pela marinha de guerra norte-americana — reavivam agora o problema crucial da guerra, desde que a Alemanha e a Itália possam entrar a fundo contra os Estados Unidos, já apostados contra elas.

O LIBELO DE HITLER

Ora, dia 12, a Alemanha e a Itália, declararam guerra aos Estados Unidos, acto que estes logo contra elles repetem, e contra a Itália. Simultaneamente foi feita a transformação do ataque a Triplice para a guerra.

Adolfo Hitler profere na Ópera-Krol de Berlim, diante do Heichstag, o discurso já annuciado. O Chefe supremo e criador do Terceiro Reich não fez propriamente uma oração de carácter politico. Formulou um libelo. A parte que neste introdutoramente se refere a tentames de paz anteriores e à guerra na Líbia é quasi perfunctória e incidental, segundo o extenso texto publicado. A parte que a seguir aquella respectiva a Campanha de Leste que terminou perante a inulta offensiva geral da Alemanha, pode considerar-se simplesmente cortinado de cobertura, sem novidade e para uso interno.

Mas o libelo é das melhores peças que Hitler como orador e o Wilhelmstrasse como laboratório diplomatico têm produzido. Revirando as posições iniciais, o «Führer» encaêba em Roosevelt, a quem dirige epiletos de pura violência em dos mais brandos dos quais é o de doente mental) não só a responsabilidade da extensão da guerra, mas a ambição de pretender a ditadura durante o intervalo do dominio da critica da politica interna norte-americana para atacar a própria obra administrativa do presidente, em termos de «violência dos americanos no mar com a perda de grandes unidades nos assaltos a Malaca e às Filipinas — na crise de desfaleque que Churchill assim descreveu no seu discurso aos Comandantes da noite de 11, já depois do atrás citado:

Mussolini, na praça romana de Veneza, falou nos effascos. Nunca talvez, como nesse documento de Adolfo Hitler, appareça a distanciação dos pontos de vista de dois regimes, dois governos e dois homens, a colisão de duas ideologias. Hitler só de raspaço alude a ella e comprehende-se porquê, visto que o terreno de facto é a sua vantagem da argumentação objectiva. Roosevelt jamais escondia, mesmo antes da guerra, a sua apostasia animizada ao totalitarismo. Ela orientava a sua politica e a sua acção. Por consequência, e na origem ideologica dos actos do presidente, e não nestes, que deve procurar-se o mobil das suas attitudes.

O debate entre Roosevelt e Hitler sobre a causa da declaração de guerra trava-se, portanto, em planos sobrotopos e diferentes: — o presidente invocando principios e doutrinas anti-totalitárias; o condutor allemão invocando agravos de facto.

HOBA DIFICIL

Que vai Hitler fazer? O general von Bock foi substituido diante da capital czarista por von List, chamado a fazer a offensiva contra o exercito do sudoeste dos soviets. Von Kleist vai por igual caminho. O resultado da primeira troca de grandadas verbais, encerra-o de guerra e do seu hoje. Mas não cabe dâvida de que esta sua fase vai ser necessariamente longa e dura para todo o Mundo, como diz Churchill e como Hitler sabe, tão bem como seu grande rival.

TIMÓCHENCO

O effeito do acontecimento na ordem politico-militar da guerra, é por igual gravissimo. O Japão não pode contar senão consigo mesmo na sustentação da batalha do Pacifico. A Alemanha tem de aguentar a perigosissima reacção já em marcha dos russos de Timóchenko que não a deixaro descansar durante este inverno. Desde a vinda de General Inverno não se limita a tiroetes expostos e ao reposso forçado nos quartelamentos da estação mas vai até à perseguição fidejada de um inimigo em franca retirada cujo termo está longe, depois da libertação surpreendente de Moscovo, de Rostov e talvez da Crimeia, Hitler tem como aliás está fazendo de acudir na Líbia com aviação a Rommel que retira em relativa ordem para as novas posições a leste na Cirenaica depois de bater o arranco de Cunningham, que leve de ser substituido pelo major general Neil Metuen Ritchie, um chefe feliz de 44 anos.

periodo muito duro — acrescentou — sendo necessário que todos contribuam com um novo impulso recente. Temos que cumprir escrupulosamente os nossos compromissos. O nosso objectivo agora com a Rússia, e esperamos que, pelo menos durante os meses mais próximos, o volume de fornecimentos norte-americanos que chegarem à Grã-Bretanha, e o grau de auxilio prestado pela Marinha de Guerra dos Estados Unidos sejam diminuidos. O nosso objectivo agora com a Rússia, e são os nossos esforços poderão preenchê-la.

Este é o nó do seu problema e da sua crise. Aquando da quebra norte-americana no auxilio à Rússia, porque a guerra no mar e no ar deve ganhar uma extensão e agudeza não conhecidas.

O. S. O. S.

Ha cinco meses, o vice-almirante Stirling cujas informações e previsões têm autoridade e exactidão: «Tanto os Estados Unidos como a Inglaterra tendem vir de frente a frente com dadas as situações»

CHURCHILL

igualmente sérias num futuro bastante próximo. Uma é no Extremo Oriente onde Japão depois de ter occupada a Indochina, ameaça a Tailândia. Aqui tanto os bens indigênes como os americanos, assim como as materias raras e preciosas do sueste asiático, se encontram em perigo. A outra pode provir do facto do governo de Vichy entregar a Alemanha os controis do Dakar e Casa Blanca, bases da Africa occidental que dominam muitas rotas comerciais do Atlantico e que podem constituir também um perigo para a Africa do Sul. Este segundo perigo seria indubidavelmente uma ameaça grave para os abastecimentos vitais de alimentos e munições para a Inglaterra, sem os quais este país não poderia subsistir por muito tempo.

«O almirante Darlan foi a Turim conversar com o Conde Ciano, o que prova que a Itália não desiste das compensações territoriais na Sabóia, na Córsega e em Africa, e que a Alemanha abandona Vichy e se volta para a Africa do Sul. No dia 11, o officio Messagero informava, como a justificava, que os ingleses desembarcaram recentemente, importantes contingentes de tropas e de munições em Gambia, e que as forças imperiaes britânicas nas costas da Africa Equatorial, adjacentes às zonas territoriais da Serra Leão, Libéria, Costa de Marfim e Africa do Sul. Este das aquelas possessões britânicas se encontram muito próximas das possessões francesas africanas e que, recentemente, outros importantes contingentes de tropas expedicionárias inglesas desembarcaram em Gambia, que se encontra apenas a 150 quilómetros de Dakar.

Tudo isto se vê muito bem em Berlim e em Londres. O ministro do Comércio dos Estados Unidos acaba de declarar que a aviação nipónica fez de Gambia abastecimentos providos das Indias Orientais e que a industria norte-americana só tem borraça para a aviação nipónica. O ministro de Stirling cumpre-se com a hora exacta. O momento do S. O. S. os seus beligerantes — chegaram.

IMAGINAÇÃO E AMOR

LINDA LISBOA

A MULHER  
OYE AO DINHEIRO  
Ora do Homem

SÉCULO XX-ANO 1.ª EDIÇÃO DO AUTOR

HINOS de alegria, sonhos de amor e cânticos da mocidade a ecor nas perspectivas duma cidade maravilhosa.

O ROMANCE DUMA ÉPOCA

G'mais delicada  
que a  
Couto  
Cronica da DIA de NOITE



# Vida PORTUGUESA



DOIS ASPECTOS DA SESSÃO DE HOMENAGEM AO CONDE DE PENHA GARCIA, na Sociedade de Geografia de Lisboa. Em cima: os srs. Presidente da República e ministro das Colónias, com outras entidades.

O SR. MIGUEL TRIGUEIROS fazendo a sua conferência na sede da Acção Católica.



O SR. JOAQUIM LEITÃO falando sobre Terquato Tasso na sessão inaugural de novo ano lectivo do Instituto de Cultura Italiana de Lisboa.

O CHEFE DO ESTADO recebendo da direcção do Sindicato Nacional dos Tipógrafos uma colecção de miniaturas dos jornais diários portugueses.



O SR. JOSÉ VANZELER PEREIRA PALHA inaugurou há dias no estúdio da Secretariado da Propaganda Nacional, com a assistência do Chefe do Estado, uma atraente exposição de fotografias que constituem, no seu conjunto, um quadro artístico da vida ribtejana.



OS NOVOS VEREADORES DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, recentemente eleitos, tomaram, há dias, posse dos seus lugares nos Paços do Concelho. A foto mostra-nos um aspecto do sessão de verificação.



TERMINARAM NO DOMINGO PASSADO, em todo o País, as solemnidades que assinalaram a celebração da «Semana da Mãe», iniciativa da Obra dos Mães pela Educação Nacional, na qual colaborou, mais uma vez, o professorado primário, exercendo a sua influência no meio escolar para conduzir as crianças à prática do amor pela família. Na Sociedade Nacional de Belas Artes, effectou-se uma exposição de berço que foi inaugurada pela esposa do sr. Presidente da República. Na foto vê-se a senhora de Fregoso Carmona, com as sr.ªs Condesa de Rivas e doutora Maria Guardiola.



NO INSTITUTO BRITANICO, têm continuando, com muito interesse e grande concorrência, as conferências de divulgação cultural. A foto mostra-nos o sr. prof. Bernard Byrne falando ali sobre o «Cardinal Newman».

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo III Adversários que se espreitam

### 1 A OFENSIVA DA PAZ

O inverno que colheu a mundo entre Outubro de 1939 e Março de 1940 ficou na história da humanidade como um período singular e característico dos novos métodos de acção postos pelo Reich ao serviço da guerra. Com excepção do episódio linfático, pode dizer-se que durante esse longo período não houve hostilidades em parte nenhuma do mundo. Mas, se as armas modernas e as mais aperfeiçoadas deixaram de fazer ouvir o seu ruído sinistro, os homens não esqueceram um minuto de descansar. Agitaram-se sem cessar, numa actividade doentia que enchou as cidades e os campos. A guerra dos nervos conheceu o seu período duro. Nunca as edições dos livros, dos jornais e dos panfletos, as emissões radiofónicas, as manobras diplomáticas e suspeitas de agentes secretos tiveram maior intensidade. De Tóquio a Nova Iorque, correndo as capitais nórdicas e as capitais balcónicas, a nuvem das boatos e o exarismo das vãs suspeitas envenenaram a atmosfera e criaram o ambiente propício as delegações gigantescas que haviam de se registrar em o alvaraz da primavera.

Dos aríetes de combate, em vez de bombas cotam papéis com expressões de sentido duplo. Nas suas posições, os soldados, em vez de trocarem balas, trocavam ironias ou saudações. Os políticos e os banqueiros, os diplomatas e os chefes de indústria, os jornalistas e os correctores de provas tiveram a sua hora. Todos os elementos suspeitos trocaram dos «bas-bas» em que acobertaram a sua cubição ou o seu despeito para



Coulondre, embaixador da França em Berlim, conversando, pela última vez, com Von Weizsäcker, embaixador da Alemanha em Paris.



O Arco Hotel de Bucareste onde se refugiou Beck, depois da queda da Polónia. O sinal X evidencia o quarto em que viveu no seu exílio, durante o inverno de 1939-40, o antigo Primeiro Ministro polaco.

uma farraga doentia que, lentamente, ia contaminando os países mal preparados e incompletamente imunitizados por uma proflaxia apropriada.

O ministério da propaganda do Reich e os seus elementos de confiança, a Wilhelmstrasse e a organização para os alemães no estrangeiro tiveram na execução do plano meditado e ábil de penetração pacífica o papel principal. Os exércitos alemães deliveram-se numa ofensiva que só mais tarde havia de declarar-se para cedera o seu lugar à nova fôrça dos propagandistas e dos conselheiros. Mas antes que isso acontecesse, o mundo ia assistir a um espectáculo inédito e curioso.

#### O DISCURSO DO FUERHER

No dia 5 de Outubro, o Reichstag foi convocado para ouvir da boca do chanceler uma exposição pormenorizada dos factos que tinham ocorrido durante o mês anterior. A sessão teve a solenidade das grandes ocasiões. O Fuehrer foi oclomadosissimo e os seus auditores escutaram uma narrativa completa da campanha da Polónia. Homens e factos, datas e episódios passaram na sua palavra fácil e fluente para os expor à luz da critica ou do louvor. Os dirigentes da Polónia vencida tiveram o seu quinhão de censuras. Os artífices da vitória alemã encontraram na boca do chanceler a expressão ardente dum reconhecimento que identificava toda a população do Reich.

A frente interior, essencial para a condução da guerra, encontrava-se, assim, reforçada. Aos olhos do povo alemão, cujo concurso se tornara indispensável à execução metódica dos planos concebidos pelos chefes do nacional-socialismo, a occupação da Polónia traduzia a satisfação duma necessidade e a resposta adequada da injustiça de Versailles, por um lado, aos tratamentos infligidos

alguns dos seus compatriotas, por outro.

Mas o Fuhrer tinha mais alguma coisa a dizer aos deputados do Reichstag. Depois de explicar o valor da vitória alemã e esboçar as linhas gerais do futuro Estado polaco, propunha a paz aos seus adversários, por entender que haviam chegado ao motivo de divergência que os separavam há pouco tempo antes.

A este, o chanceler entendia que se devia regular o problema da Polónia e todos os outros que afectavam a vida dos povos na Europa central e oriental; criar uma fronteira oriental do Reich de acordo com as condições históricas, económicas e étnicas; solucionar pacificamente as questões de populações por um acordo entre os diversos Estados interessados; liquidar o obstáculo judeu; reconstituir o sistema das comunicações e da economia das regiões; garantir a segurança de todos os povos que se encontrassem no Estado regularmente das questões pendentes; construir um novo Estado polaco que, de futuro, não pudesse constituir um obstáculo para o desenvolvimento e para o expansion do Reich e da U. R. S. S. A este, o chanceler alemão pensava que devia criar-se um estado de coisas que confirmasse as realidades que tinham surgido com a invasão da Polónia.

#### A MÃO ESTENDIDA

A parte principal e essencial do seu discurso não se dirigia, porém, nem aos polacos nem aos outros povos do leste europeu. Era aos seus adversários do ocidente que o Fuhrer falava.

«Precisamos estabelecer na Europa a paz e a segurança verdadeiras. A segurança só será possível por uma limitação dos armamentos. Temos de evitar o emprego de certas armas modernas que se revelaram capazes de atingir as populações no interior dos países em luta. Já apresentei, em tempo, propostas nesse sentido. Porque pararam de mais, não foram ouvidas. Mas continuo convencido de que a verdadeira segurança só poderá ser alcançada quando se fizer uma distinção clara entre armas lícitas e ilícitas.»

Neste número, o Fuhrer especificadamente incluía a arma aérea, os gases e os submarinos. Em seu entender, só com a sua supressão seria possível evitar que as populações continuassem a sofrer com o prosseguimento dum luta em que não tinham parte directa. Era o conceito genérico de especificação e de limitação dos armamentos que fazia, de novo, a sua aparição, trazido pelo chefe de Estado que mais vivamente se opusera, durante anos, à sua aplicação prática.

O Fuhrer continuava: «Não há, decerto, nenhum homem de Estado que não deseje a paz. Mas a paz só é realizável sobre uma base — a cooperação internacional. Para chegar a esta cooperação, os Estados terão, mais cedo ou mais tarde, que se reunir numa conferência. E nenhuma conferência internacional pode realizar-se ao som dos cânticos e com o ruído das espingardas. Seria resolvido trabalhar de a preparar desde já, antes que tenham sido sacrificados milhões de vidas humanas. De contrário a França e a Alemanha continuariam a lutar, vendo as suas cidades destruídas por uma aviação que atirava, sobre os mares, outros países, pois hoje já não há libas. Nós continuaremos a combater porque não duvidamos da vitória alemã. Os povos e os chefes conscientes de que nesta guerra só haverá, afinal, vencidos, devem aceitar a mão que nós estendemos.»

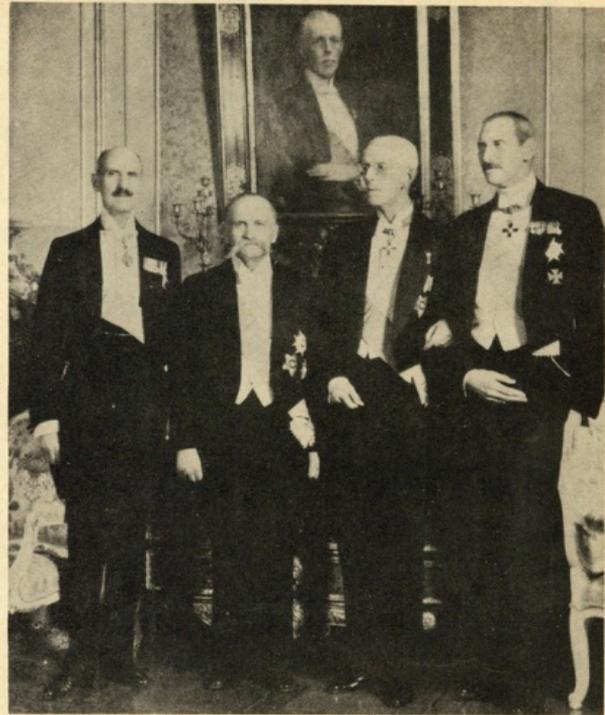
Era o princípio, também exposto em Genebra, da cooperação internacional que igualmente se renovava. Praticamente o chefe do Reich significava a França e a Grã-Bretanha não tinham parte na luta não tinha sentido e que deviam aceitar o predomínio alemão na Europa Central e Oriental. Independentemente do reconhecimento desta realidade, o Reich reivindicava a posse das suas antigas colónias.

#### A FRANÇA, A GRÃ-BRETANHA E A U. R. S. S.

Habitualmente, o chanceler tratava, simultaneamente com as ideias gerais que visavam a cessação imediata das hostilidades pelo reconhecimento da conquista da Polónia e pela cediação de territórios adicionais, o aspecto particular de cada um dos países que directamente lhe interessavam.

Em primeiro lugar a França. Entre este país e o Reich havia apenas um motivo de divergência — a Saxe. Uma vez suprimido este, nenhuma outra reclamação de carácter territorial havia a apresentar à nação francesa. Nem a Alsácia Lorena, a cuja posse voluntariamente renunciara para evitar que um novo conflito surgisse na fronteira a separar os dois países. Nunca fizera à França qualquer pedido incompatível com a sua honra e com os seus interesses. Tudo fizera para alargar do povo alemão a ideia dum inimizado tradicional e inatável. Pelo contrário, era porque se que as grandes realizações do povo francês em todos os domínios e as virtudes dos seus soldados mereciam o respeito da humanidade inteira.

Relativamente à Inglaterra, a amizade anglo-alemã líria em todos os momentos, o objectivo predominante



Os reis da Noruega, Suécia e Dinamarca, e o Presidente da República da Finlândia, após a conferência de Estocolmo, em 18 de Outubro de 1939.

da sua carreira. Tudo fizera para a conseguir e não deviam atribuir-lhe a responsabilidade se o seus esforços se tinham malogrado. Continuava a ser convencido sua de que não haveria verdadeira paz no mundo enquanto a Alemanha e a Inglaterra se não entendessem. A hostilidade britânica era atribuída pelo chanceler à atitude inexplicável de certos dirigentes de Londres que agiam assim para conseguir fins que mal se compreendiam.

Por último a Rússia soviética: «Procurei normalizar as relações do Reich e da Rússia soviética assentando-as numa base de amizade. Graças às ideias concordantes de Estaline, os meus esforços foram coroados de êxito. Estabelecemos com o Estado soviético relações amigáveis e duráveis. As repercussões deste facto serão benéficas para os nossos dois povos.»

Depois do pacto de 23 de Agosto, o Reich e a U. R. S. S. tinham concluído o acordo de delimitação de fronteiras e estreitavam as suas relações económicas. Esta era a realidade nova que o Fuhrer apresentava aos seus adversários do ocidente. Queriam estes continuar a lutar? Sabiam que o Reich nacional-socialista e a Rússia comunista estavam estendidos para a ganhar, quer cooperando economicamente, quer auxiliando-se em caso de necessidade. O êxito das negociações entre a França e a Grã-Bretanha, dum lado, e a U. R. S. S., do outro, constituía a pedra principal do quadro político que ia jogar durante o semestre próximo.

#### A NEGATIVA FRANCO-BRITÂNICA

Quatro dias depois, a 10 de Outubro, o chefe de governo francês dava, num discurso radiodifundido, a primeira resposta ao oferecimento do Fuhrer. Daladier, intérprete dum acordo concertado entre Paris e Londres, resumia, assim, a proposta de paz alemã: «Destruímos a Polónia. Estamos satisfeitos. Paremos o combate e organizemos uma conferência para consagrar a minha vitória militar e para preparar a paz.» A França desistia, em estreita colaboração com a Grã-Bretanha, continuar esse combate. As razões para isso invocadas pelo chefe a

seu governo eram de ordem material, uma, outras eram de ordem espiritual e política. A França e a Grã-Bretanha não tinham entrado na guerra para iniciar e levar a cabo qualquer cruzada ideológica. Nenhum daqueles países se sentia animado também pelo desejo de conquistas territoriais ou de qualquer outra espécie. Mas pensavam, e procediam em concordância com o seu pensamento, que a Alemanha tinha um objectivo fundamental — estabelecer a sua dominação na Europa — e que deviam opor-se, por todos os meios, incluindo a guerra, a que esse objectivo acabasse por ser alcançado.

A campanha da Polónia era, para o grupo franco-britânico, a manifestação mais puente do desejo alemão de dominação. Seguindo-se à Austria e à Checo-Eslóvaquia, a Polónia ilustrava a sua tese, como um argumento decisivo a determinar a vontade da nação francesa de lutar. Além deste motivo, um outro predominava no discurso de Daladier. Quem garantiria que, de futuro, os compromissos assumidos pelo Reich seriam cumpridos tal como ficassem inscritos na letra dos tratados a celebrar e das combinações a fazer? Além de que nem a França nem a Inglaterra estavam dispostas a consagrar com a sua assinatura ou desaparecimento de mais um país da carta da Europa. A concepção germano-sovieta, expressa no seu acordo político, de que a sorte da Polónia apenas devia respeito às duas potências era considerada inaceitável em Paris e em Londres. A Europa era um todo e facto de se arrancar a sua parte membros não podia deixar de ter repercussões fatais no resto do corpo. «A França, a quem a guerra lhe imposta, concluiu Daladier, tem no combate a sua linguagem de sempre. Em nome de todos os franceses sinto que combateremos até que se alcance para os povos uma garantia definitiva de segurança.»

#### DOIS DIAS DEPOIS

Em 12, Chamberlain falava nos Comuns para empregar uma linguagem idêntica. O ponto de vista britânico precisava-se em pormenores de assinatura própria, acrescentando o Primeiro Ministro que as iniciativas do Reich contra alguns dos países

requerimentos da Europa eram o prólogo dum emprêso de maior envergadura, a qual tráficamente se traduziria pelo aniquilamento do Império britânico e de um país a ser executado.

Quanto á origem da luta a Grã-Bretanha, como a França, desejava afastar dos seus ombros qual quer responsabilidade. Elle, Chamberlain, era o testemunho vivo da vontade de paz que animava o seu país. Tudo fizera para salvaguardar essa paz, que considerava o bem maior que se podia obter sobre o mundo. Mas as concessões de que pessoalmente assumira a responsabilidade, que convencera outros países a fazer, que o seu próprio país estava disposto a consentir, não tinham conseguido remover o obstáculo principal que se opunha ao restabelecimento dum atmosfera de calma e de confiança entre os povos. Sem a existência dêsse ambiente propício nada de duravel era possível realizar. Recusar perante os factores de perturbação equivaleria a banir do mundo todas as esperanças e a consentir o desaparelhamento dos valores morais que, em todos os tempos, constituam a origem e a razão de ser do progresso humano. Nem da guerra nem do povo alemão a Grã-Bretanha aspirava a tirar proveitos materiais na luta em que se envolvia. Mas aspirava não apenas a uma vitória militar decisiva, para a qual contribuinta com todas as suas forças e com todos os seus recursos, mas ao estabelecimento dum sistema eficaz de cooperação internacional que banisse, para sempre, o emprego da força nas relações entre os diversos povos.

Para que esse sistema a que aspiram todos os povos da Europa se transforme numa realidade há apenas um obstáculo: o governo alemão. Foi elle, que, com os seus actos de agressão repetidos, escreveu que o mundo gazesca as beiradas da paz. Foi elle que criou na consciéncia dos povos visões que domina o sentimento permanente do medo e da falta de segurança. Como Daladier, Chamberlain concluiu o seu discurso com uma terminação formal a dar seguimento ao alemento lido pelo Fuehrer, seis dias antes, no Reichstag.

**PONTO FINAL NA POLEMICA**

Em 24 o ministro dos estrangeiros do Reich pôs ponto final na polémica que se suscitara e que ficou conhecida pela designação de ofensiva da paz. Fazendo em Dava, Ribbentrop criou esta violência a recusa anglo-francesa a negociar, uma vez consumada a derrota militar da Polónia, e accusou os dois países de desejarem, para satisfação de interesses egoístas, a continuação das hostilidades e, inevitavelmente, o seu alargamento a outros países.

A Alemanha fizera uma oferta de paz. Essa oferta fôra desdenhosamente repellido pelos seus adversários. Só estes assumiram a responsabilidade dos acontecimentos dramáticos que se seguiram á sua recusa. O governo do Reich não prosseguiria os seus esforços. Mas considerava que o tom e o significado das expressões usadas por Daladier e por Chamberlain equivaliam a um desafio a que o seu país saberia responder.

O ministro dos estrangeiros do Reich renovou, no seu discurso, a versão official alemã inserida no respectivo Livro Branco, de que não fôra o Reich que atacara a Polónia, mas que fôra vítima dum ataque premeditado dos polacos. Essa agressão era o produto, por um lado dos sentimentos profundos da Polónia em relação ao povo alemão, por outro do cheque em branco que a Grã-Bretanha dera ao governo de Varsóvia assinando com elle o tratado de garantia que conduzia directamete á guerra. A França, segundo a versão de Ribbentrop, teria sido igualmente vítima da maquinação britânica, como em outros períodos da história da Europa, conseguia lançar, uns sobre os outros, os povos do continente, para satisfação dos seus desejos e dos seus interesses próprios.

Perante a recusa franco-britânica, o Reich prosseguira na guerra com a maior energia. «Acitação do desalio—acrescentou—e estamos resolvidos a não depor as armas até que tenhamos conquistado, para sempre, a segurança do povo alemão, convencidos, como estamos, de que temos contaco o direito e a justiça». A parte final do discurso de Ribbentrop appareia revestida dum significado diplomático e politico incontestável. A luta seria entre o Reich, a Grã-Bretanha e a França. A amizade com os sovietes era objecto das suas expressões mais calorosas. Simultaneamente assegurava aos Estados Unidos que o povo alemão desejava estreitar cada vez mais as relações amistosas que já mantinha com o povo norte-americano.

**TENTATIVAS NÔTES DE CONCILIAÇÃO**

Dais acontecimentos de relevo, no domínio politico, assinalaram ainda o decurso do mês de Outubro de 1939.

Á 18, chegavam a Estocolmo, a convite do Rei Gustavo da Suedia, os chefes de Estado dos países nórdicos, os reis Haakon, do Noruega, e Cristiano IX, da Dinamarca, e o presidente da República da Finlândia, Kivyt Kallio. No decurso e



A porta do prédio n.º 10 de Downing Street, residência do Primeiro Ministro Britânico. Numa tarde de Dezembro de 1939, em plena guerra, um guto passeia despreocupadamente...

conferéncia que os reuniu e que durou dois dias, foram recebidos, na capital sueca, numerosos telegramas e mensagens de felicitações, especialmente do presidente Roosevelt e de outros chefes de nações americanas.

O comunicado official publicado no final da conferéncia dizia que todas as resoluções tinham sido tomadas por unanimidade. Essas resoluções eram bastante plasticas e as facções não tardaram a oppor-lhes um desmentido brutal. Os países nórdicos ofereceram-se para iniciarem diligéncias tendentes á conclusão dum paz entre os beligerantes; afirmavam o seu propósito comum de manterem o mais estreita neutralidade e reivindicavam o direito de usarem da liberdade de comércio para satisfazer das suas necessidades económicas. O comunicado não alludia especialmente á situação da Finlândia, que iniciava, por essa altura, as suas negociações com a Rússia sovietica.

Em 26 de Outubro, o rei Leopoldo da Bélgica, numa allocução radiodifundida para os Estados Unidos, offerencia igualmente a sua mediação e a da Holanda para se restabelecer a paz na Europa. Realizavam o desejo do seu país de seguir, sem hesitações e sem desvios, a politica de neutrali-

jade das suas concepções. Entretanto, as offeras que essa situação de neutralidade, além de corresponder aos interesses profundos do seu país, podia immediatamente traduzir-se por uma iniciativa de grande utilidade para o futuro da Europa de que a Bélgica se não podia alhear.

As lhotas de paz que ainda perduravam, a Escandinavia e os Países Baixos, não tardariam a receber os golpes que as convertemam da incandescência das suas concepções. Entretanto as offeras da conferéncia de Estocolmo e do soberano da Bélgica eram igualmente rejeitadas pelos dois partidos em luta. Esta foi entrar, passada a campanha nórdica da Polónia, numa fase de acalmia. Mas nenhum dos adversários abandonaria as suas posições fundamentais. O intervalo seria aproveitado para reforçarem o seu potencial militar e para melhorarem as condições diplomáticas em que precisavam agir.

(Continua)

(Rigorosamente prohibida a reprodução, mesmo parcial).

**Cabelo Forte e PUJANTE!**

SUSPENDE A QUEDA DO CABELO FORTIFICA-LHE AS RAIZES E ELIMINA A CASPA

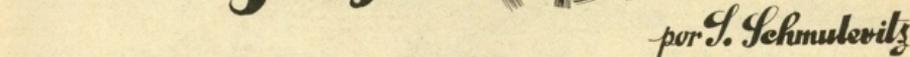
**PETROLEO QUIMICO NALLY**

**O CAO — Julgava que era uma cadelinha que vinha dentro da caixa e, afinal, é uma telefonista! —**

**A CADELA — E ainda bem! E que isto é um rádio — 'His Master's Voice', o melhor do mundo!**

**Ha exactamente vinte e cinco anos...**

# avida e a morte de Gregor



por **J. Schmulwitz**

(Continuação do último número)

**R**ASPUTINE aparecia poucas vezes na corte, como já disse anteriormente. Poucas semanas depois, parte dessa correspondência, muito deturpada e falsificada, foi publicada no jornal bochevista de Zurique, que entrava clandestinamente na Rússia. O esboço do foi completo. As más línguas não hesitaram em suspeitar das relações entre o Monge e a Czarina. As colônias acumulavam-se.

Raspoutine via, com meus olhos, a participação da Rússia na guerra. Ele sabia que, se a Rússia viesse acunhamente com os aliados, a cultura ocidental havia de penetrar na Rússia e derrubar tudo quanto era tradicional e ortodoxo. Se, pelo contrário, a Rússia fosse vencida, então a revolução seria inevitável. Em ambos os casos, ele próprio seria arrastado, o que, é claro, não lhe convinha. Quando a Rússia entrou na guerra, por motivos que não vou aqui discutir, ele não ficou insensivelmente a seu célebre terminação. Foi a conselho de Raspoutine que a Czar destituiu, em 1915, o seu tio, Nicolau Nicoláevich, e assumiu o comando, enviando-o para o teatro de Luta do Cáucaso. O «Santo» temia o Grão-Duque, ao qual presenciou a futuro dilatar e o intrinsecamente a guerra. Por isso, o Grão-Duque tinha que desaparecer: As insinuações de Gregor encontraram eco também na Imperatriz, que era alemã, e discordava da guerra. Mas a vontade do partido dos grão-duques, e o compromisso com os aliados, era o contrapelo no balaço e Nicolau julgou preciso a sua honra prosseguir a guerra. Pouco a pouco, no entanto, começavam a espalhar-se boatos insinuando em público Raspoutine persistia a Czar a vender a honra da Rússia e a concluir uma paz deshonrosa, tratando os aliados. Raspoutine insinuava a Imperatriz que influenciasse o seu esposo na honra da paz. Raspoutine usava de ameaças misticas com a Czar, nas horas vagas, mas também o levava a ignominiosas bebedeiras, para extrair do monarca embriagado, segredos da Rússia e obter d'ele assinaturas para os seus fins.

Da Czarina, não se diziam coisas boas. Estes boatos começaram a espalhar-se a respeito da sua origem e veracidade, surtiram um efeito funesto para a família imperial.

Em conjunto, com uma ambição sem limites, Raspoutine insinuava-se na alta política. A destituição e a nomeação de ministros e chefes de exercitos não era feita sem o conselho. A nomeação e o recebimento Potemov, por presidente dos ministros, foi obra sua.

O ódio contra Raspoutine já se aglomerando lento, mas seguramente, pois não só a dinastia, mas a cultura da Rússia. Os social-revolucionários, a quem convinha que Raspoutine continuasse nos seus actos sinistros, para assim arrastar à lama o respeito pela

dinastia, souberam utilizar bem esta circunstância.

Mas enfim, a mão vingadora do Destino, que tantas vezes lathara, havia de empolgar a sua vítima. Durante anos e anos, elle tinha um protector poderoso em Ilodor, o confessor do Czar, pois este esperava ver nele um mero instrumento divino, para defender a Igreja Orthodoxa e a sua influencia mística sobre o povo contra as investidas da emancipação e as ideias liberais. Mas agora, que se divulgavam em um segredo diplomático, as aventuras galantes do monge, Ilodor não estava disposto a aturar-lhe lato foi uma razão da sua queda. A segunda foi muito mais forte e conspícua. As engrenagens da alta politica, na qual Raspoutine se tinha insinuado levemente, haviam de esmagá-lo.

Quando em Junho de 1916, e a pedido urgente das politicas occidentais, Nicolau II ordenou a grande offensiva de Brusilov, o ministro da guerra britânico, Lord Kitchener, devia vir pessoalmente a Rússia, para insular novo aliado à condução de guerra russa. A viagem de Kitchener devia efectuar-se de Scoppa-Flow para Arancang, e consistia em um segredo diplomático, de modo que nem o comandante, nem a tripulação do cruzador «Hampshire», imaginavam a categoria do hóspede que tinha de receber. Mas o tempo não estava depois da largada de Scoppa-Flow, no manhã de 6 de Junho, o navio chocou com uma mina que, dias antes, havia sido colocada por um submersível alemão. O navio foi destruído e o cruzador foi a pique. Apenas 12 marinheiros conseguiram salvar-se numa jangada. O resto da tripulação e Kitchener, que a Inglaterra considerava o seu aliado general, o pilar da sua grandesa e unidade, encontraram a morte no oceano agitado.

O sinistro, no entanto, longe de ser uma coincidência, foi um acto diabólico premeditado. Pouco depois de se receber em S. Petersburgo a noticia calamitosa, correu o boato de que os alemães haviam sido informados da viagem de Kitchener, por etrechos da corte russa, recuando as suspeitas sobre Raspoutine e a Czarina. Esta, tendo o maior interesse em destruir de fundamento tais acusações monstruosas, encarregou, em principios de Julho, o general Komissarov, chefe da policia secreta, de proceder ás devidas investigações. Por isso, o general foi para Czarokole-Sele, sendo recebido pela dama de honor, Virubova, e a seguir a comitiva de Komissarov dirigiu receber ordens directas do Czar, e dirigiu-se a Moguier, onde se encontrava o quartel general imperial. Foi recebido por Nicolau, que lhe fez as seguintes perguntas: Mas Komissarov deu-lhe a ordem de continuar as investigações. Acto continuo, o general pediu que Sua Magestade se dignasse informá-lo das negociações havidas entre os governos russo e britânico acerca da viagem de Kitchener. Como resposta, seguiu-se um silencio muito significativo, durante o qual Nicolau baixou os olhos para a terra, e fez um sinal de grande desaprovação, ou, pelo menos, de nervosismo.

O general, um criminalista de raro talento, não se deixou enganar pelos agentes d Inglaterra, e enviou os seus agentes a Inglaterra, onde se averiguou que a partida de Kitchener estivera envolvida em absoluto sigillo. Komissarov chegou à conclusão de que

o fio do mysterio começava em S. Petersburgo, e mandou vigiar Raspoutine atentamente. Por esse fim, os seus agentes deviam convidá-lo a um banquete e interrompê-lo oqtreto do assunto, pois a «Czarina» sabia que o «Santo», sempre desconfiado, não se acutulara e revelava todos os segredos na embriaguez.

Efectivamente Raspoutine caiu na armadilha. Das semanas depois, rodeado de vinho e mulheres, elle atralhou-se revelando que a Czarina se havia convidado ás que o espódo se embriagava frequentemente e descobria, nesses casos, segredos do Estado. Pedira-lhe que impedisse o Czar de progredir nesses seus caminhar. Concluiu-se que a Czarina era completamente inocente. Poucos dias depois —apuravam os agentes de Komissarov— realizou-se um almôço no quartel general do Czar, onde as bebidas obrigadas Raspoutine embriagou-se no mesmo occasio, e nêse estado informou o general Wojewik da imente visita de Kitchener, apresentando-lhe ella era indesejavel, porque o inglês exigia estorços extremos da Rússia. Wojewik, um parente do Czar, suspeito de espionagem, recebeu no dia immediato o príncipe-heredeiro, o príncipe Micolleffich, Andronikoff, igualmente suspeitissimo, o qual, por sua parte, recebeu a visita do agente Schwidow, vindo pelo príncipe a trazer-lhe a noticia de que immediatamente lhe para Estocolmo, donde a boa nova seguia para Berlim. Schwidow cometeu a imprudência de passar a Czar, onde se encontrou immediatamente preso e encarcerado 24 horas depois de consolar tudo. Durante o julgamento, os nomes de Andronikoff, Wojewik e Raspoutine nem foram mencionados.

Komissarov, depois de comunicar o resultado das investigações ao Czar, foi despedido em desgraça.

Mas a morte de Kitchener constituia o derradeiro triunfo do monge. Odeado a tornar-se o homem mais odiado do Imperio, e até se suscitaram boatos de que forrora perseguido sinistros para destruir o Czar e mandar a Czarina para um claustro. Tão a gente sabia que a última hora do charinho havia sido tocada. A Igreja Orthodoxa, os filhos do Czar, e os embaixadores ingles e francezes, Buchanan e Paleologue, estavam dispostos a proteger os elementos que se protegessem a liquidação de Raspoutine. Em fins de Dezembro de 1916, o Czar, incitado pelo monge, havia destituido o governo de Stürmer, encerrado a sessão do parlamento, e nomeado o general Guchkov, o ministro da guerra, e nomeado Potemov, ministro da guerra. Finalmente, o partido dos grão-duques votou a morte de Raspoutine.

No noite de 29 de Dezembro, effluvia a realinhamento decisivo no edificio da Embaixada Britânica. Os principes Félix Fedorovitch Lusovov e Alexio Dimitrovitch Purichkevitch, incumbidos da execução de Raspoutine estavam em optima disposição, vangloriando-se da destituição do gabinete e do encerramento da Duma, e não desconfiavam da sua vida. Por isso, ao amanhecer do dia 29 de Dezembro, o convite do príncipe Lusovov, para um jantar íntimo. Estiveram presentes Raspoutine, Purichkevitch e alguns homens de confiança do partido dos grão-duques, e dois «demi-mondes», para servirem de isca ao appetite sensual do «Santo». Por intermédio dos seus espódo, Raspoutine

mandou investigar previamente se haveria algum perigo; recebendo, contudo, as informações más satisfactorias. Considerou-se, assim, fora de qualquer risco.

Bebiu-se muito. O jantar aproximou-se do seu termo. Os acaesinos haviam resolvido que, no fim, seria oferecida a Raspoutine uma taca de «champagne», que continha veneno de electro-mortal immediato. O monge, já emborrachado, esvaivou o edício —e hooi logo!

O príncipe empurrou os copadinhos. Seria elle realmente imune contra o veneno a morte e o diabo? (Atual, apurou-se, ainda na mesma noite, o homem que devia misturar o veneno no «champagne», fôra subornado pelos agentes de Raspoutine — e, pouco depois, morto) a tiro pelo príncipe Lusovov.

Mas não havia mais tempo a perder. Purichkevitch fez um sinal e Lusovov deu um pulo para trás do maple de Raspoutine, attingindo-o com um revólver nas costas e no pescoço e dando-lhe ainda um golpe com um canelabro de bronze na cabeça. O agressivo inclinou a cabeça sobre a mesa, mas com ingente energia, ergueu-se immediatamente, e tomou a palavra. Levantou o pesado maple, para a descregar sobre a cabeça do desgracado.

O príncipe saltou a tempo para o lado. Tudo isto foi obra de poucos segundos. Os convidados refugiaram-se nos cantos da porta. Raspoutine precipitou-se sobre a porta, desceu as escadas com um supremo effluvia, o gigante levantou o pesado maple, para a descregar sobre a cabeça do agressor.

Os principes perseguiram-no quando elle se arrastava, em agonia, para alcançar a saída. Vendo os perseguidores, levantou-se mais uma vez, com a derradeira fôrça, juntou os polegares num gesto místico, e enquanto o sangue lhe corria sobre o corpo, rematou, entre suspiros:

«Ajo sangue, muito sangue. As minhas mãos. Eu e o patinão Czar, estamos ligados pelo destino. Vou morrer. Um inverno passaré e os Russos não existirão mais».

Os perseguidores sentiram um arrepiado e apontaram os revólveres: Um, dois, três, quatro tiros —Raspoutine estava morto.

Um inverno passou — e a profecia fatal do agonizante cumpriu-se.

**Vida**  
**IMPERIAL**

JOSE CANDIDO GODDHO

Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Editor e Proprietario

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO

Rua Garrett, 80, 2.º e 1.º Andares—Tel. 25844

COMPOSTO e IMPRESSO nas Officinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.º — Tr. da Condesa do Rio, 27 — Lisboa.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**Vida**  
**IMPERIAL**



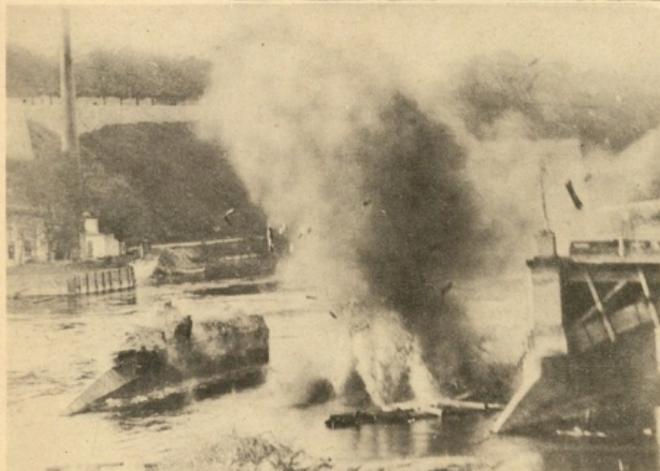
# AS ESQUADRAS DO PACIFICO



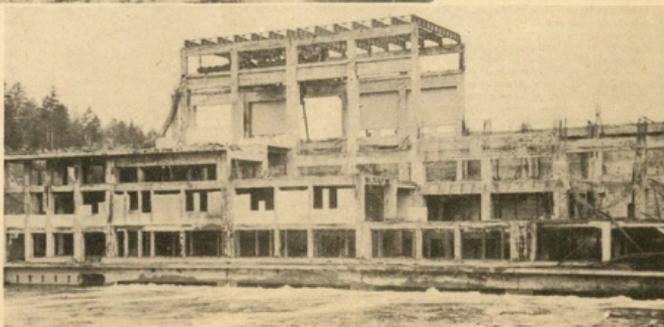
Damos nestas duas páginas um esquema do potencial das duas esquadras actualmente em luta no Pacifico, reprodução dum desenho de E. Turner, publicado na «Illustrated London News». Cada classe de barcos de guerra de superficie está representada por um navio tipo. Na página da esquerda, vemos a esquadra americana do Pacifico, de cruzadores de batalha, desde o velho «Oklahoma» — afundado já, ao que parece, quando do ataque japonês ás ilhas de Hawaii — até aos modernos «Washington» e «North Carolina», junto de cada unidade, está indicada a data da sua construção (e, entre parêntesis, a da sua reconstrução) e a respectiva deslocação em toneladas. Dos quatro cruzadores da classe de «Washington» em construção, dois foram já lançados à água: o «Indiana» e o «Massachusetts». Os dois outros são o «Alabama» e o «South Dakota». Nesta página, apresentamos o esquema da esquadra japonesa. Estão não incluídos os cruzadores de batalha construídos entre 1914 («Hiei»), a 1920 («Nagato»). Além dos navios destas tipos, sabe-se que estavam há pouco tempo em construção — e talvez mesmo já tenham entrado em combate — alguns couraçados de 40.000 toneladas, dois dos quais (o «Nisissin» e o «Takamatsu»), foram, de certeza, concluídos.



# na Frente Oriental

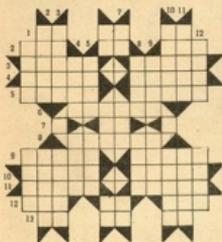


APÓS MEIO ANO DE LUTA TITÂNICA, a frente oriental mantém-se, num panorama de ruínas e desolação, num desgosto contínuo de homens e de material de guerra. Damos hoje nesta página três aspectos característicos da luta: Em cima — Uma amostra do esforço quase sobrehumano que é necessário fazer para tramar as estradas soviéticas, nestes dias de inverno. Ao centro — A ponte de Narva dinamitada pelos russos. À direita — A nova central hidroeléctrica das fábricas de Esso, no vale de Vuoksi, devastada pelas fôrças soviéticas.



# VARIEDADES

## PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 4

**HORIZONTAIS:** 1 — Irregular; Sem dúvida; Candara, 2 — Cascar, Fôlego; Elementos, 3 — Tormentoso; Basbaço; 4 — Atalhar; Vem, 5 — Gradista com arame; Sinal ortográfico, 6 — Pente-se, 7 — Zero; Queixa; Cifra, 8 — Recolha, 9 — Da um ar de riso; Retém, 10 — Sepear; Capelo, 11 — Qualquer festividade religiosa; Habitante da Alemanha, 12 — Pato; Bêta mar; Grande porção, 13 — O, Quarto; Venus dos Assírios.

**SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 3**

**HORIZONTAIS:** 1 — Caracol, 2 — Adam; Bota, 3 — Risoio; Elias, 4 — Mal; Ara, 5 — Lia; Ata, 6 — Anima, 7 — Ora.

8 — Inata, 9 — Ana; Efo, 10 — Crê; Ita, 11 — Credo; Axila, 12 — Atui; Atar, 13 — Laclara.

**VERTICAIS:** 1 — Ar, Cã, 2 — Dom; Cri, 3 — Casal; Arcal, 4 — Amélia; Inedias, 5 — Anota, 6 — An; Ica; El, 7 — Anate, 8 — Oblata; Afajar, 9 — Loira; Oita, 10 — Tão; Ala, 11 — As; Ar.

**DOIS PROBLEMAS**

**PARA O LEITOR RESOLVER**

1 — Um mendigo quer fumar cigarros, mas não os possui. Lembra-se então de apanhar pontas de cigarros lançadas ao chão, de aproveitar o tabaco nella contido e de fazer novos cigarros para fumar. Ele sabe que, com sete pontas, pode fazer um cigarro inteiro, igual aos outros. Começa a procurar as pontas. Recolhe 49 e com elas faz novos cigarros. Fumo um em cada três quartos de hora. Quanto tempo lhe duram os que lêz com as 49 pontas?

2 — Numo sala estão quatro pessoas: um escritor, um banqueiro, um advogado e um médico. Os seus nomes (mas não pela mesma ordem) são: Pedro, João, Diogo e Luiz. Sabe-se que 1 — Pedro e o banqueiro não conhecem Diogo.

2 — João dá-se muito bem com o médico.

3 — Diogo é parente do advogado.

4 — O senador é muito amigo de Luiz e do médico.

Diga qual é o nome do senador, o do médico, o do banqueiro e do escritor.



**Noticiário em LINGUA PORTUGUESA**

Horas	Estações	Ondas curtas
12.15	Noticiário	GRZ 13,86 m. (21,64 mc/s) GSO 19,76 m. (15,18 mc/s)
12.30	Actualidades	GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)
21.00 (*)	Noticiário	GSC 31,32 m. (9,58 mc/s) GSB 31,55 m. (9,51 mc/s)
21.15 (*)	Actualidades	GRT 41,96 m. (7,15 mc/s)

(\*) Este período do Noticiário e Actualidades ocorre tambem em ondas médias de 261,1 metro (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Criai o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C. A venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



NAO EMPREGUE NUM TRABALHO DE QUALIDADE DUVIDOSA

OS ATELIERES GRÁFICOS  
**BÉRTRAND (IRMÃOS), L. DA**  
Trav. da Condessa do Rio, 27 - LISBOA - Telef. P. B. X. 2 1368 - 2 1227

EXECUTA COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO E RAPIDEZ TODOS OS TRABALHOS DE

FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA  
OFFSET E  
LITOGRAFIA



**APYROL**

**CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS**

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drogarias

Caminhos maus há muitos...  
Caminhos bons há só um:

— o caminho de ferro de  
C. P.

**PASTA MEDICINAL**  
*Couto*  
**CURA** estomacal  
**TRATA** as doenças de boca

Vida **MONDIAL** ilustrada

# Vida do PÓRTO



DURANTE AS FESTAS DA RESTAURAÇÃO NA CAPITAL DO NORTE a «Mocidade Portuguesa» desfilou na Av. dos Aliados. A foto à direita mostra-as e cavalaria de M. P. passando em frente à tribuna da Câmara Municipal.



O POETA PEDRO HOMEM DE MELO recitando versos seus durante o feste da Restauração efectuada no Clube Fenizmos Portugueses.



O MESTRE PINTOR JOAQUIM LOPES junto dos seus quadros durante a exposição recentemente aberta e ainda patente ao público no Salão Silva Pôrto, na capital do Norte.



O MINISTRO DA ITALIA, SR. FRANSONI, com o sr. Catturello, gerente da «Fiat Portuguesa». A inauguração das novas instalações daquela empresa no Pôrto, alguns visitantes à exposição dos seus quadros inaugurada há dias



A PINTORA POLACA Condessa Wanda Ostrowska conversando com e outras individualidades na inauguração das novas instalações daquela empresa no Pôrto, alguns visitantes à exposição dos seus quadros inaugurada há dias



# Dez raparigas alentejanas

POR MARIA ARCHER (Conclusão da página 14)

« hora de se entrar no baile do Aviz — cartas severas, aconselhando-lhes o apelo ao lar e as honestas tradições do recato familiar. Porque tinham filhas, e as tias solteiras do Alentejo sempre foram a melhor fonte de receita dos sobrinhos residentes em Lisboa.

Elas, porém, haviam bebido os tempos modernos através das traduções dos romances sentimentais. A rebeldia estalou no concluído das dez primas solteiras! Logo nesses verões, mal os hotéis das termas abriam, saíram de Castro Branco com o livro de cheques na carteira, dispostas a comberem a vida dos grandes centros e a encontrarem os homens que podem casar.

Passaram por Lisboa e vestiram-se à moda das provincianas ricas. Viram os teatros, os cinemas, as casas de chá, o Estoril, passando dum lado a outro o seu grupo vistoso de dez raparigas sem homens. Eram muito olhadas, às vezes seguidas, outras mimoadas com galanteios, o que as fazia tremer dum modo delicioso, embora temessem, vagamente, que os galãs desconhecidos fossem gatunos capazes dum assalto às suas carteiras bem apertadas debaixo do braço.

Como Lisboa queimada pela catástrofe amorcece num canto o seu lastio, elas partiram para as termas logo que o jornal lhes deu a notícia da grande festa no Casino. Iram à festa no Casino. Dançariam com os rapazes.

um, elas foram recebidas cada uma por sua vez. A primeira passou a porta, sentou-se e respondeu ao interrogatório costumeiro. O médico, fatigado da clientela, mal a olhou.

— Como se chama?

— Amélia Caçopo.

— Idade?

— Trinta e dois anos.

— Estado?

— Solteira.

— Naturalidade?

— Castro Branco.

O médico, após o leve exame da praxe, deixou-a em paz, dando-lhe a receita para as águas. Entrou uma outra das primas. Sentou-se. Respondeu ao mesmo questionário.

— Estado?

— Solteira.

— Naturalidade?

— Castro Branco.

Ele olhou para ela. Irmã, talvez... Seguiu-se a terceira. Solteira, de Castro Branco... E a quarta: Solteira, de Castro Branco. E a quinta... O médico agora, já as fitava com interesse. Via-as novas, bonitas, saudáveis, vestidas ao gosto das provincianas ricas — e todas solteiras e todas de Castro Branco! Entrou a sexta, depois a sétima... Ele já tinha a impressão de que havia uma biucha de raparigas, todas novas, bonitas, ricas, solteiras, e naturais de Castro Branco, à porta do consultório. Todas solteiras... Mas porque?

— Chegaram as dez, instalaram-se no hotel a duas e duas — que é bom estar acompanhada por causa dos atrevidos e dos ladrões — e na manhã seguinte foram todas ao médico, para a consulta habitual.

A entrada no consultório era a um e

Entrou a oitava, depois a nona... Por fim a décima. O médico nervoso-se. Ela foi dizendo: «Solteira, de Castro Branco...»

Então ele, quasi irritado, quasi inquieto, quasi espantado.

— Mas que diabo... Porque é que nesta terra não há homens?

NO INSTITUTO DOS PUPILLOS DO EXERCITO, effectuou-se, há dias, pela primeira vez, a cerimonia da entrega do armamento aos novos alunos. Na foto, vê-se o sr. coronel Ferreira de Simas, vice-presidente do Conselho Tutor do Exército, procedendo à entrega do armamento a um dos mais novos alunos.



O SR. JACINTO DA CAMARA PESTANA, director geral da Administração, foi recentemente homenageado pelos funcionarios ad-uasistricos, por motivo da publicação da reforma dos respectivos serviços.

## MAX FELTON

escritor americano de romances policiaes e de aventuras  
é o autor da grande obra-prima do género

### A ESFERA MISTERIOSA

A acção passa-se nos Eshtados Unidos da América do Norte  
Lances emocionantes — Naturalidade no descriptivo — Cenar  
imprevistas — Enigmas indecifráveis.

### A ESFERA MISTERIOSA

começa a publicar-se já no próximo número  
de «Vida Mundial Illustrada»

# ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EAR»)

NOVO HORARIO  
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas	Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	-
2 RO 17	m. 15.31 (lcs 19590)	11.00
2 RO 17	m. 15.31 (lcs 19590)	15.30
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	20.10
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	-
2 RO 15	m. 25.51 (lcs 11760)	-
2 RO 3	m. 31.15 (lcs 9630)	-
2 RO 11	m. 41.55 (lcs 7220)	-
Ondas médias	m. 221.1 (lcs 1357)	20.10
	m. 263.2 (lcs 1140)	-
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51 (lcs 11760)	-
2 RO 3	m. 31.15 (lcs 9630)	-
2 RO 11	m. 41.55 (lcs 7220)	-
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	-
2 RO 18	m. 30.74 (lcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	-
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	-

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO  
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (lcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, ás 20.20 horas, e ás quartas-feiras, ás 20.10 horas, serão radiodifundidos programas em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (ECS. 11695) e 30.52 (ECS 9830)



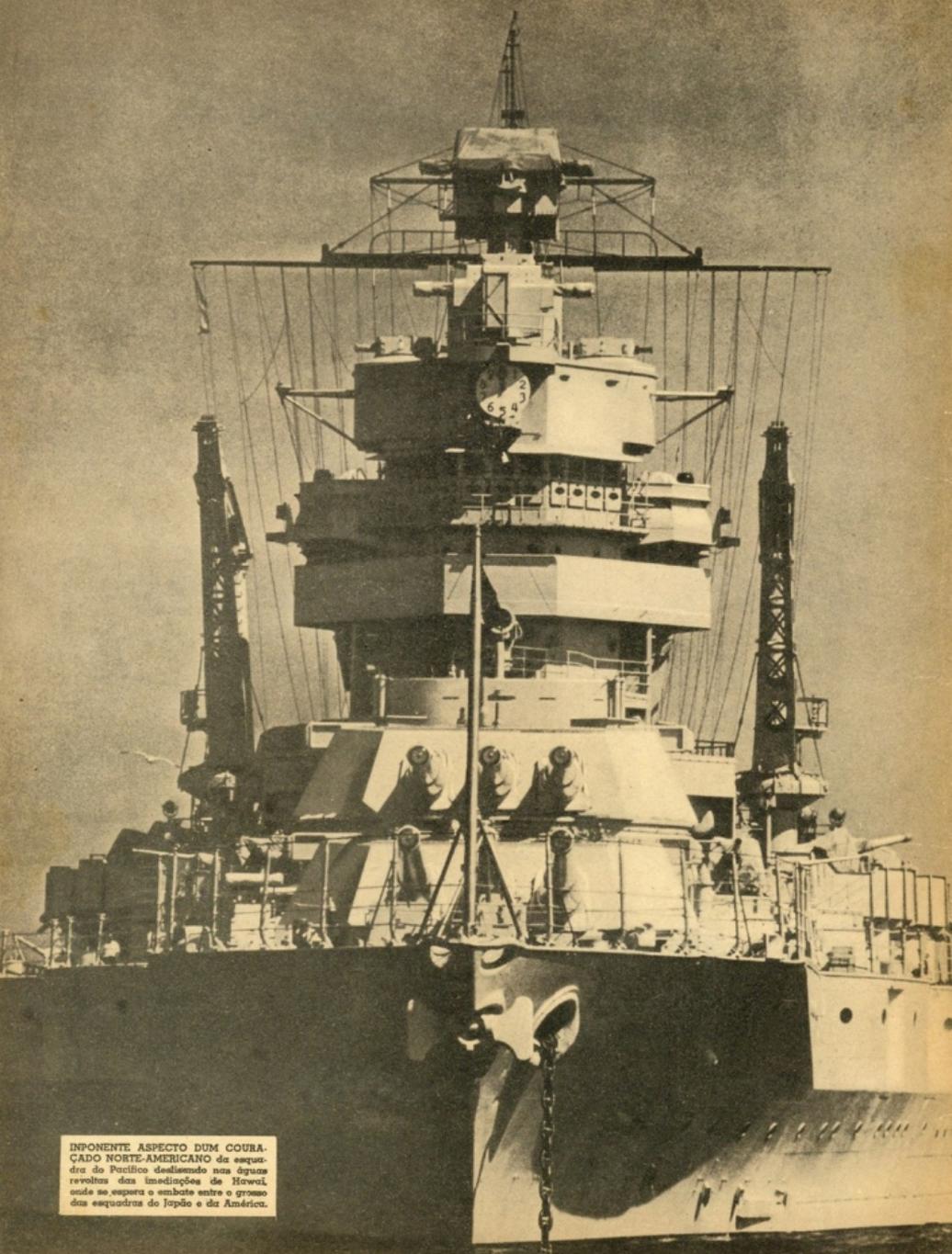
# Imagens da ITALIA na guerra

VARIOS ASPECTOS DA GUERRA NAS LINHAS ITALIANAS DAS VARIAS FRENTE DE BATALHA. Em cima: o general Messe, comandante do Corpo Expedicionario Italiano na Rússia, inspecionando uma região industrial conquistada. A direita, um "tank" inimigo destruído pelo fogo das divisões motorizadas Italianas.



COMO SE FAZEM OS TRANSPORTES DOS HOMENS E DO MATERIAL ITALIANOS em duas frentes de batalha situadas a milhares de quilômetros de distância uma da outra. Em cima: Nas estradas arenosas do deserto da Líbia. A direita: Nas vias de comunicação lamacentas da Ucrânia.





IMPONENTE ASPECTO DUM COURA-  
CADO NORTE-AMERICANO da esquadra  
do Pacífico desfilando nas águas  
reveltas das imediações de Havaí,  
onde se separa o embate entre o grosso  
das esquadras do Japão e da América.